



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

O SILÊNCIO EM “HUMILDADE” DE BRÔ MC’S

Anderson Aparecido PIRES¹; Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti ²

UFGD-FACALE, C. Postal 533, Rodovia Dourados - Itahum, Km. 12

79804-970- Dourados;MS, E-mail: andersonpiresms@yahoo.com.br

1 Aluno do curso de Letras da UFGD, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ 2013/2014. 2. Orientadora e Docente da FACALE / UFGD E-mail:

limberti@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho visa analisar com base nos aparatos metodológicos da análise do discurso francesa a letra de música “Humildade”, composta pelo grupo *rap* indígena *Brô Mc’s*, cujos integrantes são jovens indígenas moradores da aldeia Jaguapirú, município de Dourados/MS. Ampararemos nossas análises a partir das teorias de Michel Pêcheux (2010), Eni Orlandi (2012) e Michel Foucault (1988). Sendo os dois primeiros teóricos nossos norteadores a respeito do entendimento do que é o discurso e de que forma ele se insere no silêncio para que assim possamos, a partir dos estudos, construir um arquétipo básico para que se possa fazer as análises posteriores. Foucault (2010), nos auxiliará na compreensão da relação poder e discurso, em que será afirmado o posicionamento de que o poder se faz no discurso (re) produzindo-o. Ademais, nosso trabalho, objetiva apresentar uma reflexão sobre a situação do indígena douradense fundamentando-se em uma notícia de um *site* da cidade de Dourados, sobre a vida dos indígenas de Dourados.

Palavras-chave: Indígena, discurso, ideologia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado *O silêncio em “Humildade” de Brô Mc’s* visa refletir e expor por meio dos estudos de análise do discurso francesa as construções de sentido oriundas da letra de música “Humildade”, a partir daquilo que não é dito ou seja,

o silenciado, camuflado, oculto. Portanto, nosso estudo, tem como norte desenvolver e ampliar pelas lentes da A.D o que está sendo silenciado na canção e justamente o que esse silêncio produz de sentido.

Para tal propósito calcamos nosso trabalho em tópicos, como meios para melhor visualizar o estudo e ao mesmo tempo possibilitar a inserção de novas perspectivas de estudo, a partir daquilo que nós já desenvolvemos e tomamos como resultado. Tais resultados, são fruto de um trabalho de pesquisa iniciado em Agosto do ano de dois mil e treze e concluído em julho do ano de dois mil e catorze. Tendo como órgão financiador o CNPQ. Assim sendo, aqui apresentamos nossas conclusões que são, por sua vez, palpáveis e dignas de aperfeiçoamento, por meio de outras pesquisas.

Com o intuito de dividir o nosso trabalho em tópicos é preciso antes, entendermos um aspecto fundamental que a todo momento insere esse trabalho. Nos referimos a interpretação. O que nós fazemos nesse estudo é interpretar. E ao interpretar estamos sendo interpretados, portanto o nosso estudo está direcionado pela interpretação que o outro faz do local em que vive, ou seja, o jovem indígena interpreta e nós o interpretamos a partir daquilo que ele interpreta. Sendo assim, nos indagamos: o que o indígena entende por ser humildade? O que pode ser interpretado por humildade?

Dessa forma, com o foco de tentar responder essas perguntas propomos três tópicos. O primeiro denominado *Um olhar sobre o indígena de Dourados* propomos entender o *locus* de enunciação do índio de Dourados. Para isso, primeiro apresentamos um recorte de uma notícia publicada no *site* O progresso publicada em dezesseis de abril de dois mil e treze, a qual fala sobre às péssimas condições de moradia dos indígenas das aldeias de Dourados. Com base nessa notícia teremos um reflexo de como os indígenas vivem em Dourados.

O segundo tópico intitulado *Ideologia, Discurso e Silêncio* abarcaremos reflexões sobre: ideologia, discurso e silêncio tomando os teóricos Pêcheux, Orlandi e Foucault. Neles encontraremos a fundamentação teórica necessária para fazer as análises que se encontrarão no tópico terceiro: *O silêncio e “Humildade”*.

Por fim, contaremos com as considerações finais que de forma concreta apresentaremos a síntese daquilo que desenvolvemos em nosso estudo. Assim sendo, iniciemos nosso trabalho.

1.0 UM OLHAR SOBRE O INDÍGENA DE DOURADOS

Vamos começar nossa abordagem nesse tópico a partir de trechos de reportagem do *site* O progresso:

A³ cidade de Dourados, que concentra a mais populosa reserva indígena do Brasil, tem déficit de 1,5 mil casas. A maioria das famílias vive em péssimas condições de moradia, sob barracos de lona. Em barracos de lona ou sapé, mães criam os filhos em condições precárias. O frio que se aproxima e a fome são os desafios da comunidade. De acordo com o presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena, Fernando de Souza, o fator preocupante é que em situações precárias de moradia, a vulnerabilidade em relação à saúde de crianças e idosos aumenta nesta época de baixas temperaturas. A indígena caiuíá-terena, Luciana Aparecida Reginaldo, de 27 anos, sempre viveu em barracos de lona, desde criança até agora, depois que se casou e teve os dois filhos. Ela diz que os piores dias são os de chuva. “A água entra e inunda tudo. Molha comida e roupas”, destaca.

Conforme observamos nessa notícia a situação dos indígenas em Dourados é precária e isso se intensifica no período das chuvas. Além do frio e de viverem em condições precárias, a fome é um dos desafios que assolam o terreno dos indígenas douradenses. População essa, que em Dourados, apresenta segundo dados da Fundação Nacional do Índio doze mil indígenas, confinados em uma reserva. E nessa reserva consta duas aldeias: Jaguapirú e Bororó, na qual três etnias interseccionam seus costumes, crenças e língua: Guarani/Kaiowá/Terena.

Podemos afirmar, então que em Dourados há uma diversidade de povos indígenas, entretanto essa diversidade de índios é apenas um pequeno fragmento da população indígena nacional, é o que nos assegura as pesquisadoras Elisângela Moreira e Marilze Tavares (2011, p.2) ,

Conforme informações do site do Instituto Socioambiental (ISA) ³, a grande maioria dos brasileiros, atualmente, ignoram a imensa diversidade de povos indígenas que vivem no país. Calcula-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de 1.000 povos, somando entre 2 e 4 milhões de

³ Em Dourados, 1.500 famílias indígenas vivem em barracos. Disponível em: <

<http://www.progresso.com.br/caderno-a/em-dourados-1-500-familias-indigenas-vivem-em-barracos>

> Acesso: 15 Ago 2014

pessoas. Atualmente encontramos no território brasileiro 234 povos, falantes de mais de 180 línguas diferentes.

Além disso, segundo as pesquisadoras, Mato Grosso do Sul é o segundo estado com maior número de indígenas,

Sabe-se que Mato Grosso do Sul tem a segunda maior população de indígenas do país, perdendo apenas para o Amazonas. Segundo censo realizado pela Fundação Nacional de Saúde de MS, divulgado em 30/01/2010, a população é de 67.574 indivíduos, distribuídos em 75 aldeias e espalhados por 29 municípios do Estado. (MOREIRA e TAVARES, 2011, p.3)

Daí podemos depreender que os indígenas não são um povo e sim povos. Cada qual com sua(s) língua(s), cultura(s) e tradições. O que dissermos então desses povos confinados nas aldeias de Dourados passando fome e situações precárias? Quais poderiam ser as tentativas para fazer com que esses indígenas falem sobre suas próprias dificuldades e mazelas sociais, sem necessariamente ter que recorrer ou ser assunto de jornais? Uma das respostas para essas indagações é mudar a forma de fazer-se ouvir. Se bloquear rodovias não faz com que o não índio olhe, ouça e busque em parceria resolver as mazelas das aldeias, a solução é fazer-se ouvir, ouvindo-se, ou seja, criar um grupo musical.

Mas esse grupo musical não pode ser estilos corriqueiros: sertanejo, forró, *funk*... é preciso que esses estilos agregue em seu gênero: a denúncia, a polemica, o assunto proibido. Daí a escolha, o estilo musical a qual os indígenas serão ouvidos será o *rap*. Das periferias dos Estados Unidos, mais especificamente das comunidades negras, o *rap* recebe espaço no final do século XX e em no século XXI a sua força vai nutrir às expectativas de índios de Dourados.

Gênero de denúncia e combate ao preconceito, o *rap* ganha na sociedade indígena de Dourados, a partir de suas melodias e estilo harmônico a certeza de que este será o estilo mais adequado para se fazer ouvir o índio e o não o índio: a pobreza e precariedade de uma sociedade segregada; e ao mesmo tempo mostrar pela música a beleza, a dignidade e o orgulho ser índio.

Para assim exemplificar nossa afirmação Edgar César Nolasco e Laura Costa asseveram:

O grupo de rap indígena Brô MC's surgiu da intenção dos jovens Bruno, Charlie, Kelvin e Clemerson em transmitir a ideia de esperança para a população indígena, uma maneira de denunciarem as situações negativas que

ocorrem nas aldeias (como assassinato, descaso), além disso, apresentar a cultura indígena para não indígenas. Os indígenas, de etnia Guarani e Kaiowá, buscam demonstrar através do *rap* que a população indígena possui voz e está em busca de seus direitos. As letras, em grande maioria, permeiam o bilinguismo, ou seja, são verbalizadas tanto em língua portuguesa, quanto em língua guarani, e por isso, é uma forma de alcançarem não apenas a população indígena, mas a branca e a não indígena também. Não somente o bilinguismo, mas outras características são perceptíveis nas letras, como a formação da identidade indígena desses jovens. (Costa e Nolasco, 2013, p. 2)

Em outras palavras, entre o descaso e a busca de direitos, existe o índio. Ser humano, dotado de capacidades, direitos e deveres que por sua vez, quando não respeitados protestam com os instrumentos que estão em mãos, sejam eles: flechas, bloqueios, greves de fome ou música. O que se deve levar em consideração aqui é a busca pelo fazer-se ouvir e a esperança de mudança de vida. Esperança deixar-se de ser a margem e ser humano em seu sentido literal, não perante a sua comunidade, pois lá a identidade indígena, coletiva lhe é assegurada, mas sim diante do branco, que não o vê.

2.0 IDEOLOGIA, DISCURSO E SILÊNCIO

Para entender é preciso pôr primeiro saber que o sujeito é interpelado pela ideologia e é pela ideologia que ele produz o (não) dizer. E naquilo que é dito ou não, existe o discurso como forma de tecer os sentidos.

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como afetam o sujeito, mas mais fortemente como nas quais constitui o sujeito. (ORLANDI, 2012, p.46)

Podemos então afirmar que é a ideologia que move o homem a tomar parte das suas práticas sociais, produzindo não apenas o seu dizer, mas também movendo a partir do seu dizer, uma rede de sentidos. Ideologia, segundo Orlandi, constitui o sujeito porque faz com que o sujeito assuma uma condição imaginária de existência. Nessa condição de existência, o homem admite para si que existe e com isso de forma inconsciente ele apregoa em sua vida ideologias anteriores oriundas de outras pessoas que assim como

este homem, assumiram uma condição de existência e produziram dizeres. E nessa corrente infundável o homem (re)produz ideologias constituindo-o.

Se a ideologia constitui o sujeito, vai ser o discurso que corroborará na moldagem do dizer :

O Discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inserem. (ORLANDI, 2012, p.43)

As formações discursivas são assim, o meio a qual o homem tem acesso para produzir o seu discurso. Em outras palavras, a formação discursiva é a memória do indivíduo a qual o sujeito recorre. É na memória que o sujeito guarda as suas experiências vividas e para transformá-las em sentido para os outros e para si, ele as enuncia por meio de palavras circuncisadas em uma língua e que acopladas em contextos, (não) produzem os sentidos que se almeja. Quando não produzem os sentidos que se deseja, dá-se o deslize. Segundo “As palavras falam com as palavras. Toda palavra é parte de um discurso” (Orlandi, 2012, p.43).

Bakhtin assegura que “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (Bakhtin, 2006, p.115). Assim é possível entender e afirmar a importância da palavra para a constituição do sujeito, da memória, ideologia e formação discursiva. A palavra é o território comum entre o homem capaz de produzir a comunicação.

Se a palavra é de extrema relevância para a interpretação. Podemos nos perguntar e o silêncio? Para responder essa indagação Orlandi (2011) defende que o homem a partir da admissão de sua condição imaginária de existência, herdou a condenação de significar, leiamos:

O homem está condenado a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico. (...) O silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é. (ORLANDI, 2011, p.30/31)

Podemos depreender que o homem está preso às correntes da significação, mesmo quando em silêncio. O não dito significa. Produz sentido.

3.0 “HUMILDADE” E SILÊNCIO”

Nós vamos iniciar nossa análise partindo de alguns fragmentos da letra de música “Humildade” objetivando encontrar elementos que a associam com o silêncio. Em linhas gerais é possível que a canção não descreve aspectos pertinentes a humildade sendo aqui entendida como características de pessoas generosas, sem ambição.

A letra da canção em si aborda e defende o *rap* como meio para resolver problemas e sair da miséria. Os jovens indígenas insistem em defender que o *rap* não gera a violência e que as causas da violência foram impostas pelo homem branco, a qual o indígena na canção o chama de hostil.

Passemos a analisar alguns trechos dessa canção.

Eu venho defender o rap a muito tempo irmão / a maneira que eu falo se ligue então

A primeira frase da canção está em si anunciando o assunto e aquilo que será defendido. Ademais podemos nos perguntar: que efeitos de sentido podem ocasionar esse silenciamento? “Eu venho defender” pela canção o *rapper* assume a sua condição de existência pelo pronome pessoal “Eu”, em seguida o escritor dirige-se a seus ouvintes com “venho defender” anunciando que vai tomar para si uma defesa de algum ponto de vista, esse ponto de vista, chamamos em A.D de ideologia. Defender pode ser entendido como tomar para si, para suas práticas sociais um posicionamento sobre um fato.

O escritor afirma que vai defender o *rap*. Defender o gênero norte americano que tem por estilo a denunciar, expor o descaso de grupos marginalizados, segregados. “A muito tempo irmão” reforça a presença da cultura norte americana presente na aldeia a muitos anos. “a maneira que eu falo se ligue então” esse fragmento mostra o alerta que o indígena faz a o outro. Se ligar pode ser entendido como ficar atento. Ademais é ficar atento com o que se fala. O índio vai falar e o que será dito terá repercussão a tal ponto que precise chamar atenção.

Continuando a análise acompanhemos mais um trecho da canção

Letra escrita relata o dia a dia dessa caminhada / curvas perigosas encontrei em meu caminho mas nunca estou sozinho/E os parceiros traçando o destino

Em “letra escrita relata o dia a dia” temos os autores escrevendo sobre a caminhada de ser indígena em Dourados, dando ênfase ao *rap*. Além disso é na caminhada em meio à curvas perigosas que o indígena encontrou o seu caminho. É importante ressaltar que em toda a canção não é dito quais seriam essas curvas perigosas, observamos assim mais um silenciamento na letra de música. Podemos depreender nesse silêncio que essas curvas perigosas podem ser o preconceito, alcoolismo as drogas que em meio a essas curvas, que podemos chamar de opções o índio em meio ao estar acompanhado não a escolheu para sua vida.

Se este silêncio for interpretado como tais opções é possível concluir que a presença dos parceiros influencia a não seguir as curvas perigosas. A coletividade, às crenças, o outro sendo indígena colabora para “traçar” um destino diferente.

Tomando teorias como exemplo é possível entender que o homem a escolher palavras, torna silenciadas outras palavras. Escolher palavras para uma frase é tornar outras ocultas.

Sentindo na pele o preconceito/ racismo / persigo em meu objetivo /Não é você que vai dizer o que eu sinto /Diz que o meu rap é que gera a violência /Meu rap é o meu atalho pra sair da decadência imposta por você

Nesse fragmento é possível entender o sofrimento, o preconceito e o racismo. “não é você que vai dizer o que eu sinto” é para mostrar que o *locus* de enunciação é a partir daquele que está margem. Não vai ser o não indígena que vai dizer o que o índio sente mas sim o próprio indígena. E é este que diz que sente o preconceito.

Em meio a uma canção denominada “Humildade” pede ao branco para ser humilde perante o índio, tampouco o índio se faz humilde perante o opressor. Ao contrario o índio fala sobre o preconceito que o índio sente. Em seguida o índio afirma que o rap não gera a violência, mas funciona como meio para sair da decadência que foi imposta pelo branco.

O *rap* só adquire sentido para o indígena a partir do percurso da história. Em linhas gerais é possível defender que a canção humildade é uma defesa ao direito do indígena de usufruir do gênero musical norte americano. E nesse objetivo sua ênfase é

mostrar que o *rap* contribui para ser mecanismo para tirar o índio fora da condição de descaso pobreza.

O que o indígena faz quando usa o *rap* é estabelecer um discurso de poder. Leiamos de Foucault (2007, p.12) que:

“O discurso veicula e reproduz o poder; reforça-o mas também o mina, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições, mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias, mais ou menos obscuras”

Ao mesmo tempo que se é dado o poder, também lhe é quebrado o segredo que mantém o indígenas sobre as correntes dos opressores. O índio está falando e nessa fala está dizendo aquilo que o branco não quer ouvir. Seja pelo dito ou pelo não dito, o índio está significando e regendo as teias do sentido. Produzindo e reproduzindo discursos, oriundos do *locus* de enunciação e dos desejos da coletividade indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho procurou mostrar pelos aparatos da A.D francesa de que forma o silêncio manifesta na canção “Humildade” e sua relevância para entender os sentidos da canção. Foi demonstrado que a defesa do *rap* na canção influencia na (re)produção de discursos acerca da identidade norte americana que por sua vez mescla-se com a identidade do indígena douradense.

A insistência do indígena de defender *rap* perante brancos e justificar na letra que não é o rap que causa a violência mas sim a desigualdade social entre índios e não índios. Pode representar que o índio quer que o branco respeite as suas escolhas musicais e não o discrimine. O título “humildade”, pode ser entendido, como uma tentativa de pedir ao branco a ser humilde perante o *rap* indígena e aceitar esse estilo musical, depreendendo que ele não é o responsável pela violência. Ele é uma tentativa usada pelos índios para sair do sistema excludente e precário das aldeias.

O branco usar o argumento de que o *rap* leva a violência nas aldeias é como uma muleta que não se sustenta por muito tempo. Daí o índio faz da própria música no gênero um meio para a defesa do gênero e dos índios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, H. **Planetas sem Boca: escritos efêmeros sobre artes, cultura e literatura.** Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.

Brô Mc's. **Humildade** Disponível em:< <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/bro-mcs/a-vida-que-eu-levo/2443981> > Acesso em: 26 set. 2012.

FOUCAULT, M. Scientia sexualis. In: **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Builhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

LEITE, Y.; CALLOU, D.M. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: J. ZAHAR, 2002.

MOREIRA, E.B.M; TAVARES, M. **O preconceito Linguístico na visão do indígena douradense.** Disponível em: < http://www.uems.br/eventos/cnellms/arquivos/29_2011-09-22_18-52-02.pdf > Acesso em: 17 Ago 2013.

ORLANDI, E. P. **A Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos.** Campinas: Pontes, 10ª edição, 2012.

_____. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 6ª edição, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 4ª edição, 2009.

GONÇALVES, C.H.P. A Gramática e sua Diversidade. In: SANTOS, P.S.N. **Raído: Revista do Programa de Pós Graduação em Letras/** Universidade Federal da Grande Dourados. Vol. 01. Editora da UFGD. Dourados, 2007.

